

Mário Mesquita: o eterno jornalista

Isabel Lucas

(Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa)

(ialves@escs.ipl.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1126-5244>

Isabel Lucas (short bio): É jornalista e crítica literária. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa, começou a fazer jornalismo na televisão e passou, entretanto, pelas redações de alguns dos principais jornais e revistas portuguesas. *Freelancer* desde 2012, escreve regularmente para o jornal *Público*, colabora com a revista *Ler*, com a *Quatro Cinco Um* e com a Antena 3. Tem publicado em diversos títulos nacionais e internacionais. É autora dos livros *Isabel Lucas – Conversas com Vicente Jorge Silva* (Temas e Debates, 2013), *Viagem ao Sonho Americano* (Companhia das Letras, 2017) e *Viagem ao país do futuro* (CEPE – Brasil e Companhia das Letras – Portugal). Entre muitos dos seus trabalhos em várias áreas jornalísticas, destacam-se reportagens e entrevistas com alguns dos mais celebrados autores norte-americanos. É ainda coautora de vários livros na área da dança e das artes plásticas. Em 2022, foi curadora da programação do Pavilhão de Portugal, na Bienal do Livro de São Paulo. É curadora do Prémio Oceanos de Literatura e professora adjunta convidada da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Submissão: 5/12/2023

Aceitação: 6/12/2023

Mário Mesquita: o eterno jornalista

Resumo (PT): Pensar Mário Mesquita desde a sala de aula às conversas sempre instigadoras. Pensar o jornalismo, a literatura, a vida com um homem aberto à indisciplina e ao contraditório. Este texto em tom de crónica convoca as memórias de uma jornalista e ex-aluna de Mário Mesquita, a influência que a obra *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea* (MinervaCoimbra, 2003) representa nesse seu despertar para o jornalismo e como esta a acompanha até hoje. Atento, irónico, curioso, Mário Mesquita é lembrado como um jornalista com todos os sentidos alerta e sempre a absorver o mundo que o rodeava.

Palavras-chave: crónica, jornalismo, Mário Mesquita, poder.

Mário Mesquita: the eternal journalist

Abstract (EN): Thinking about Mário Mesquita since the classroom to the always thought-provoking conversations. To think about journalism, literature and life with a man who was open to indiscipline and contradiction. This chronicle recalls the memories of a journalist and student of Mário Mesquita, the influence that the work *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea* (*The fourth equivocation – The power of the media in contemporary society*) (MinervaCoimbra, 2003) had on her awakening to journalism and how it has stayed with her to this day. Attentive, ironic, curious, Mário Mesquita is remembered as a journalist with all his senses alert and always absorbing the world that surrounds him.

Keywords: chronicle, journalism, Mário Mesquita, power.

Antes de qualquer tentativa de texto sobre Mário Mesquita, há a memória de um homem de suspensórios e camisa branca a entrar numa sala de aula ruidosa de uma antiga cavaleriça cheia de alunos com 20 anos ou menos. O homem senta-se em silêncio e começa a falar, mantendo o tom inalterado até o ruído se ir esbatendo e aquilo que dizia se impor como qualquer coisa assinalável. O homem fez-se ouvir e seria assim sempre que entrasse na mesma sala, com as mesmas pessoas e o mesmo ruído.

Eu era uma dessas criaturas tagarelas e não me recordo das primeiras palavras, mas a bonomia de Mário Mesquita, a disponibilidade, a ironia, às vezes mordaz, que calava à nascença qualquer tentativa de gracinha conquistaram a turma, a quem ia passando uma das mensagens que entendia como a base do que é ser jornalista: o ceticismo. Não passivo, mas aquele que leva à indagação, à pergunta.

Era a postura de um inquieto, característica que Cristina Ponte, professora, ex-aluna, lhe reconheceu no texto que assina e abre o livro *A liberdade por princípio* (Tinta-da-China, 2021), lançado quando Mesquita fez 70 anos. Inquietação e ceticismo, a par do rigor. Uma tríade mais do que estimável para quem quer fazer do jornalismo profissão e que me foi passada, antes de mais, na universidade, mas cuja importância só pude perceber quando entrei numa redação.

Mas pude conhecer pessoas. Mário Mesquita era dos poucos professores que transformavam a aula numa discussão de pares. Numa dessas sessões, levou Adelino Gomes para falar do seu trabalho enquanto repórter. Hoje, estas situações são comuns. Naquela altura não eram. À saída, todos falávamos entusiasmamente do que ali se dissera. Uma aluna que faltara à aula juntou-se ao grupo e perguntou: “Quem fez de Mário Mesquita?”

Lembro aqui tudo isto só para começo de conversa porque era assim que as coisas aconteciam quando se estava com Mário Mesquita, talvez o único professor que tive na Universidade que se ria enquanto lhe falava das minhas notas pouco mais do que sofríveis. Sorria com aquele sorriso que também só percebi depois e que queria dizer: viva lá. E então falávamos de cinema, de literatura, de jornais, de notícias. Conquistou-me assim como aluna, instigando outra das características do jornalista: a curiosidade. Talvez a tivesse intuído em mim. E conquistou-me para a leitura d'*O quarto equívoco*. Não citava nenhum teórico da comunicação, mas as palavras de Martin Amis, um dos meus escritores favoritos. “Este Quarto Poder está numa fase peculiar da sua evolução. Por um lado, está cada vez mais satisfeito com o poder que o corrompe; por

outro, vai no sentido de uma impotência elefantina relativamente a todas as questões que realmente interessam” (Amis apud Mesquita, 2003, p. 15).

Ali estava o paradoxo sobre o qual Mário Mesquita se debruçava num dos livros que se mantêm, mais de duas décadas depois, como referência para quem estuda estas áreas. E, claro, começava por uma pergunta: “Quarto poder ou quarto equívoco?”

Muito brevemente, uma biografia muito resumida: Mário Mesquita, ex-ativista político, um dos fundadores do Partido Socialista, nasceu em Ponta Delgada, em 1950. Fez uma licenciatura em Comunicação Social pela Universidade Católica de Lovaina e aos 25 anos foi eleito deputado à Assembleia Constituinte (1975). Um ano depois era diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, tendo passado a diretor em 1978. O jornal seguinte foi o *Diário de Lisboa*. A tentativa de não deixar morrer uma referência do jornalismo no século XX em Portugal acabou em setembro de 1990, o ano em que conheci Mário Mesquita. Recém-saída do ensino secundário, eu nunca estivera tão próxima de alguém cujo nome vinha no cabeçalho de um jornal que aprendi ser de referência. Seguiu-se o *Público*, que acabara de nascer, aí enquanto colunista.

Dito isto, Mário Mesquita teve sempre interesse pela ação pública; foi jornalista e professor. Numa entrevista ao *Público*, edição de 24 de agosto de 2021, disse com a ironia habitual: “Fazendo as contas, fui mais anos professor do que fui jornalista. Mas as pessoas quando se referem a mim dizem ‘o jornalista Mário Mesquita’. Presumo que no meu necrológico também sairá ‘o jornalista Mário Mesquita!...’” A afirmação foi sublinhada no dia da sua morte, a 27 de maio de 2022, e é simbólica do modo como sempre ensinou: nunca se afastando da sua faceta de jornalista. Era enquanto tal que parecia passar o seu conhecimento. Ou seja, soube como poucos ajustar as duas funções na relação que foi mantendo com alunos, e depois ex-alunos, ao longo dos anos em que ensinou uma disciplina que considerava estar na base da democracia e ser promotora da democracia, garante da democracia, em vários momentos em que essa disciplina esteve em crise, sobretudo nos últimos anos.

O quarto equívoco sai por o autor achar que era urgente pensar o papel desse poder/equívoco num momento crítico para a comunicação social, em que se incluía, necessariamente, o jornalismo. Ainda na Introdução, depois de uma espécie de diagnóstico de um cético, esclarece:

Este livro não tem a pretensão de solucionar questões que, durante mais de cem anos, a investigação sobre a opinião pública e os *media* ajuda a formular, mas não consegue

esclarecer cabalmente. Nele se analisam múltiplos equívocos que rodeiam o denominado ‘quarto poder’. Equívocos quanto à sua definição, porque embora se tenha autonomizado, de forma notória, em relação às instituições políticas, o ‘campo dos *media*’ continua a ser influenciado, cercado e utilizado por todos os outros poderes, incluindo os económicos e tecnológicos. Equívocos ainda quanto à legitimidade, porque a liberdade de expressão, constituindo a matriz da liberdade de imprensa, se aplica a todos os cidadãos – e não só aos proprietários dos *media* ou aos jornalistas (Mesquita, 2003, p. 19).

É mesmo só um começo de conversa. Hoje, nenhum destes pontos deixou de ser preocupação para quem tem responsabilidades nestas áreas, do ensino ou do exercício de uma profissão ou da crítica jornalística. José Luís Brandão da Cruz lembrou a superioridade cultural de Mário Mesquita noutra dos artigos de *A liberdade por princípio*, o livro no qual outro colega, Francisco Rui Cádima (2021, p. 63), destaca a capacidade de Mesquita para pensar “as complexas relações entre as práticas jornalísticas, a ética nos *media* e a virtude civil”.

Em suma, este é o mundo onde Mário Mesquita se movimentou como poucos no panorama dos *media* em Portugal, tendo deixado como obra mais emblemática, precisamente, *O quarto equívoco*, no qual procura desmontar muitos dos mitos e das contradições à volta do chamado quarto poder, designação que Mesquita dissecou e complexificou de uma maneira clara.

Assim: “A questão comunicacional transformou-se numa espécie de problemática recorrente e obsessiva das sociedades contemporâneas. Dos filósofos aos gestores, dos juristas aos engenheiros, dos teólogos aos jornalistas, dos estrategistas aos pedagogos, a comunicação é objecto de debate permanente” (Mesquita, 2003, p. 71).

É esta abertura à conversa, ao contraditório, a ouvir o outro que mais guardo de Mário Mesquita. Tanto dos diálogos no espaço da esplanada da faculdade e das conversas à mesa, como das aulas, dos escritos, dos longos telefonemas que atravessavam todos os temas da sociedade. O telefone deixou de tocar com o nome de Mário Mesquita no visor, mas o impulso de lhe ligar com uma pergunta que sei que lhe suscitaria o riso ou a perplexidade não terminou.

REFERÊNCIAS

Cádima, F. R. (2021). Mário Mesquita, ou a Liberdade por Princípio. In C. Riley, C. Henriques, P. M. Gomes e Tito C. Cunha (Coord.), *A liberdade por princípio. Estudos e testemunhos em homenagem a Mário Mesquita*. Tinta-da-China

Mesquita, M. (2003). *O quarto equívoco. O poder dos media na sociedade contemporânea*. MinervaCoimbra.